



O OSSO DA BORBOLETA

Rui Cardoso Martins

O OSO
da borboleta



LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXIV

À Inês Rodrigues

© 2014, Rui Cardoso Martins
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *O Osso da Borboleta*
Autor: Rui Cardoso Martins
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Vera Távares

1.ª edição: Outubro de 2014

ISBN 978-989-671-235-8
Depósito Legal n.º _____/14

*Coisinhas: osso de borboleta pedras
com que as lavadeiras usam o rio*

MANOEL DE BARROS

*Ourself behind ourself, concealed —
Should strattle most —
Assassin hid in our Apartment
Be Horror's least*

EMILY DICKINSON

Nunca te metas num sítio de onde não possas sair sozinho, uma frase de homem que a mãe me ensinou.

Só o rabo de fora, daí não saís. Como a rolha no gargalo, minha querida. Mas olha, olha. Dás meia volta ao eixo da coluna, a cabeça virada ao contrário, a observar. Medo. Isto pede um exorcismo, temos de chamar o cónego. O pescoço de mola para trás, o bico agora enfiado na asa. Apanhaste chuva, tens frio, procuras a carteira? Ou querias abrir as asas e fugir? Também eu, também eu e não posso.

Vejo a pomba da janela do quarto dos brinquedos. O vidro do telhado abre-se com uma alavanca de ferro e dá para o céu. Estou de pé, equilibrado num banco de cozinha, em meias de lã. Tenho a cabeça de fora do postigo. Ainda é um bocado noite. Estrelas não, nuvens. Um vento delicado pica o nariz. Do prédio em frente só me descobrem se eu for estúpido, coisa que não sou completamente mas para isso é que há opiniões.

Quem não fez isto e aquilo e aqueloutro, naquela altura?

A luz da manhã chega como encomenda atrasada do estrangeiro, desculpe senhor carteiro, foi há tanto tempo que já nem a esperava, mas sabe, amigo, às vezes a luz do dia é retida na alfândega por suspeitas no tamanho do embrulho, não podemos deixar crescer o contrabando dos dias falsos,

as madrugadas contrafeitas, então está explicado, senhor carteiro.

De repente um pedaço de sol rompe o telão do céu e escorre para o quarto dos brinquedos pelo ângulo do vidro, entorna-se pelos lados, mete-se em tudo o que vê. Mas depois o sol encolhe o braço e volta à sua caminha de algodão.

Infiltra-se no prédio uma doce atmosfera de crime. A luz baça do mistério. A sirene do farol geme na barra.

A mim não me encontram nem todos os polícias juntos.

O bico torcido nas costas, mergulhado nas asas, em silêncio. Encravada no algeroz. Tenho pena, pomba.

Por cima do buraco, no parapeito central do telhado, alguém decorou o prédio com um penacho. Fizeram há muitos anos um complicado ramalhete de folhas de alvenaria entrelaçadas, a coroa pintada de branco e verde-alga a que as pessoas lá da rua chamam couve. Couve! São flores! Vistas de perto, um bouquet de flores e folhas moldados em massa de construção. Mas o que interessa, e ninguém adivinha, é que por detrás da vossa couve, no desvão interior do murete, foi instalada uma armadilha.

Um tubo da água em PVC torcido que, explorando a escuridão magnética dos olhos dos animais, tão negra no centro, negra como o medo, diz às pombas

Vem cá, entra, olha que vale a pena, cucuru.

E o bicho que vem atrás de alimento espreita o buraco. Segue o carreirinho de bagos de arroz no algeroz, bica um, bica outro. Entra mais, mais, escorrega-lhe a patinha para a frente e lá está, espantosa a força da gravidade, às vezes nem os pássaros a contrariam.

Apanhei mais uma. Notícia da manhã: pombinha curiosa passeava pelos telhados da vizinhança e o resto já se sabe.

Vejo que és coxa, tens as garras da pata direita encolhidas numa bola. Se calhar pisada por um carro, igual ao meu vizinho que marchava esticado como um manequim de gravatas, um soldadinho de chumbo, o Senhor Direitinho, era o que lhe chamávamos em miúdos, que de um dia para o outro viu o seu pé feito numa pasta de carne. Para dar passagem a uma senhora apertada no passeio, ou numa distração própria das cidades pequenas, onde se dão raridades automobilísticas inesperadas, e portanto acidentes ingênuos potencialmente graves, ele deixou para trás o pé na estrada. Fez de tapete ao autocarro dos trabalhadores da fábrica da outra margem do rio, na floresta, que sopra até ao meu sótão os vapores da celulose. Abriram-lhe o sapato a bisturi e o pé direito derramou-se pelo chão feito bife tártaro, sem um osso inteiro, nem uma falangeta de pé. Por coincidência foi mesmo em frente do talho. O Senhor Direitinho morreu, viva o Senhor Coxinho.

Esta é a hora em que, por instantes, a natureza vence a indústria do papel. Quando as árvores e os pássaros começam a mover-se e as máquinas dormitam, os operários mudam de turno, tossindo os vapores sulfúricos. Bocejam as ventoinhas das caldeiras, os rebites e pistons oleiam-se para as voltas intermináveis da produção diária. Movem-se devagar, como os meus ombros ao abrir a janela do quarto dos brinquedos, a alavanca em arco com furinhos e um pino de metal, uma abertura tão oblíqua que só dá para o céu da cidade e para o jarrão da couve, mais nada.

A hora da acústica da casa vazia, da voz das madeiras, dos fantasmas da manhã. Tudo estala à espera que o

mundo acorde lá fora e se encha de pessoas, movimento, dinheiro.

De repente, um bando de gaivotas em gritos desesperados. Parece que foram atiradas de um precipício com as asas atadas atrás das costas. Agora calam-se.

Chega da barra do porto, do farolzinho, o cheiro limoso das rochas, o silvo do mar, da salgada solidão dos afogados. Salsugem e vento. Os mexilhões batem as cascas nas ondas, saltam-se fiapos de algodão sujo onde o rio esbarra no mar. Hoje o rio não sabe até onde vai subir a maré e vagueia, à porta do Atlântico, surpreendido como um assaltante com um plano infalível que se depara com a polícia dentro da loja. Uma estrada de água castanha que sai do estuário e se desenrola no oceano verde, mesmo em frente do farol. Doce e salgado, liso e escamoso, às vezes o rio parece uma cobra gigante a contorcer-se na perpendicular da ondulação. Quando a maré muda, a serpente pode engolir qualquer um, até uma traineira distraída.

Antes chegava-me um deus todas as semanas pelo correio. Tenho Zeus, Apolo, Vulcano, Neptuno, Marte, uma Vénus de peito esférico, Diana a caçar, Pandora a abrir a caixinha dos sarilhos grandes, Amon Ra sentado no trono. Parecem estatuazinhas desenterradas, têm as cores do mármore e do barro. Gregos, romanos, egípcios. Atlas segurando o calhau do firmamento por toda a eternidade e Jano, o deus das portas e duas cabeças que assim vê, ao mesmo tempo, Janeiro a chegar e o ano que passou. Tenho quase todos os deuses dos céus, da terra, dos mares, das guerras, do amor, tenho de tudo, sou muito prevenido. Sou proprietário dum Olimpo de vitrine.

Hoje estão misturados com bonecas que nem sei como vieram aqui parar, de certeza ideia da mãe misturar deuses com bonecas de plástico, peixeiras de sete saias bordadas, uma Barbie antiga que diz made in Japan na planta do pé. Ponho-os a fazer coisas que não querem, incluindo porcarias com as bonecas. Não é nada de mais. Segundo a *Grande Enciclopédia Ilustrada dos Deuses da Antiga Grécia e Mitologias Afins*, Zeus estava sempre a descer do Olimpo e disfarçava-se de touro branco ou de cisne ou do que lhe desse na cabeça para engravidar jovens mortais. Às vezes pergunto-lhes: posso fazer isto, querem fazer aquilo?

Devia pôr um anúncio no jornal

<p style="text-align: center;">CONVÍVIO Cavalheiro c/ Poderes Divinos Procura Senhora p/ Convívio Assunto Sério</p>

Mas eles ficam calados. Não respondem nem por enigmas. Vão castigar-te mais tarde, não devias meter-te com os deuses. Já basta o que foi.

Daí não sais sozinha, pomba, eu já te tiro. Entupias o algeiroz e o prédio enchia-se de musgo e salitre. Vou buscar a vassoura comprida.

Repara, ouve-se o último ganido estremunhado do cão que ladra aos morcegos do poste eléctrico, há sempre um cão de serviço à noite, como as farmácias, como disse o outro. Os guardas-nocturnos das lâmpadas são os morcegos, guardam a luz sem a verem, em rondas periódicas. Mesmo assim, enganei toda a gente. É desse poste que roubo a electricidade,

fiz uma puxada. Não digas a ninguém, o piquete da companhia não deu por ela, parece um fio de cobre descarnado, esquecido durante outras crises nacionais e internacionais.

A quantidade de coisas que ficam penduradas, até as memórias e os amores, de súbito ligam-se à corrente e recomeçam.

Tudo combinado, o ar, o cheiro, a luz dão um impulso aos nossos instintos e deveres. Ou é esperança ou vingança o que aí vem, nos próximos dias teremos de ver melhor o mecanismo.

O sol chega e o morcego do poste foi dormir com o estômago a abarrotar de traças, mosquitos, melgas e sangue de pessoas dentro da tripa das melgas. Pendura-se para baixo num canto qualquer de caverna, num sótão abandonado como este onde ninguém o encontra, num barco podre ou nas rochas da praia, a palitar os caninos com o ganchinho da asa, lâmina contra lâmina dos dentes, tem uma unha igual à unha do mindinho dos malandros de salão de baile, dos donos de carro com buzina polifónica, dos jogadores de taberna, um traço afiado da evolução que permite palitar os dentes. Mastiga os restos de espigões, asas e patas das melgas e, porque engole o nosso sangue humano dentro das melgas, guincha num arroteo de felicidade.

Aos vampiros pendurados de pernas para o ar desce-lhes o sangue à cabeça, e têm sonhos delirantes durante o dia, imagino. Os pombos, as pombas representam o espírito santo. Mas o morcego é o espírito santo do diabo, como disse o outro.

— Grandes cabras. O que é que eu vos disse ainda ontem?

A vizinha do rés-do-chão acordou. Começa cedo o espectáculo. Mas agora só se ouvem passinhos arrastados no

saguão. Deve ter ido para dentro, mas a D. Purificação já volta.

Passei por sonhos novos quando tive o acidente no farol. Caí, como caí não interessa.

Chega cá, tens as penas quentinhas, o peito metálico a tremer, as duas fitas escuras de porteiro de hotel na casaca cinzenta das asas, uns olhos laranja, negros no centro, o opérculo de amêndoa de açúcar no topo do bico.

Tapo-te os olhos para sossegares. Escuta agora. Já te explico o mecanismo do que te aconteceu e do que ainda te vai suceder, pomba coxa. Uma vez eu caí nas rochas do farol da barra, onde nascem os melhores perceves em cachos, ao lado dos mexilhões de cílios em leque sugando os nutrientes da água, de caule vigoroso. Tantas tragédias vão e vêm no mar enquanto crescem os bichos do oceano. Um dia, um alpinista dos recifes arranca-os a golpe de escopro, na perigosa rebentação das pedras, para uma rede à cintura.

Quando eu caí na barra, dois ou três pescadores arriscaram a vida e tiraram-me da água com o arpão, fizeram-me como ao golfinho e ao atum, mas foram heróis porque ali é muito perigoso e todos os anos morrem vários pais e filhos que saem ao mar nos barquinhos. E no hospital, ao fixarem-me a perna para operarem o fémur, com o osso aberto como a casca de um marisco (eu vi a medula rosa e crua), os médicos deram-me morfina.

Havias de gostar de morfina para as dores na pata, pomba, mas não recomendo, pelo menos não sem reservas. As drogas são boas contra dores terríveis, claro. Mas o que me sucedeu com a morfina foi um estudo pessoal, uma percepção

paralela da existência, ou mesmo um condensado do que é a longa brevidade da vida, como disse o outro, e não recomendando a experiência a cabeças fracas.

O mecanismo: sonhei que ia num avião, a voar muito mais alto do que os pássaros, a começar pelos pombos, que preferem mergulhar como crianças na piscina, caindo dos beirais, e gostam de viver sempre no mesmo sítio, em vez de conhecerem o mundo, a Primavera cá e o Inverno em África, por exemplo, e comerem os restos e lixos das cidades, até vos chamam ratos do ar, desculpa mas é o que se diz cada vez mais. Não acho o mesmo e hoje vais saber porquê. Só lamento as circunstâncias.

Voltando ao avião, a morfina faz-nos sentir e ouvir as coisas com maior precisão, as vozes das pessoas a dizerem coisas, os metais a gemerem, e qualquer segundo se alastra por horas numa emoção inexplicável e hiper-real. Por exemplo, o motor do avião em que eu seguia explodiu (aspirou pássaros?). Pela janela vi labaredas na asa. Caíamos a extraordinária velocidade e, quando olhei para o lado, vi a mãe e também o pai, que não sei como era, nunca o conheci, nem da cara me lembro, nem uma foto, mas era ele, e na direcção da carlinga seguia o resto da família sentada, os avós e os bisavós, esses conhecia das fotografias barbudas e saias de folhos, e que agora sem motivo estavam vivos mas a preto e branco. Pior do que vivos, barulhentos no pânico de voarem pela primeira vez depois de morrerem, e isto para falecerem logo no baptismo aéreo, um paradoxo insolúvel, um azar enorme, quem é que nos trouxe para aqui, se quando nascemos nem sequer os aviões tinham inventado, e isto devia ser mais uma estúpida invenção dos meus sonhos, estavam ali todos a quem tive ligação antes de vir para o sótão.

Onde nem todos os polícias juntos me encontram.

Ouvia os barulhos do acidente como ouço agora uma gaviota gritar, um gato miar, a buzina de um carro ao longe, e o motor do avião em queda, tossindo a nossa morte nas nuvens e íamos caindo, caindo, torcidos numa espiral de aço. De repente, uma porta saltou e a hospedeira que me tentava servir um cocktail sem perder a compostura, uma grande profissional, foi sugada à minha frente pelo buraco, foi-se como uma bonequinha de saias, bateu na asa e começou a rasgar-se em tiras de papel, com ripas da carne dela agarradas às abas do flap. Essa cara bonita que aliás eu também conhecia e na verdade até amei, acho eu, era sem dúvida ela.

Olha, olha, era mesmo a tua galdéria ruiva a voar pela porta não era?, devia ter posto o cinto!, ria-se a mãe.

À linda hospedeira do ar rebentou-se-lhe a cabeça como um balão no circo furado com seta, chupada pelo motor em chamas, e senti um grande aperto mas pelo menos agora acabava-se. O sinal tocou por cima do banco.

Senhores passageiros e tripulação sobreviventes, disse o delicado comandante, terão reparado decerto que falhas de pressurização baixaram o nosso aparelho dos vinte e sete mil para os mil pés em menos de dois minutos, mas estamos a resolver os problemas técnicos.

Eles são treinados para nos acalmar.

Peço a vossa colaboração e por favor mantenham a maior calma: preparem-se para o impacto, que isto vai doer!

E com esta deixa pensei, bom, está visto, vou acordar neste momento.

Mas não, raios, esmagámo-nos no solo e o estrondo da queda prolongou-se, arrastou-se por quilómetros, longos

minutos, os detritos e os cheiros entravam-me no nariz e na pele, lascas de árvore, pasta de celulose.

A mãe entretanto morreu mas quando estava a morrer, ou já morta, perguntou

— Quem és tu?

— Sou eu, mãe.

— Tu quem?

— O seu filho, mãezinha.

— Ah, só se for.

e gritei eu tenho de acordar deste pesadelo, desta parvoíce sem nome, não tenho de assistir a isto, cérebro desligate, mas não, ó que porra, continuou tudo igual, mais vivo do que na chamada vida, e ouvi os bombeiros a chegarem e vi-os a taparem a minha mãe morta, mas afinal ainda não, olhou-me no segundo derradeiro desta vida de loucos e culpou-me — com o dedo — da queda do avião e da morte de toda a família e do nosso nome deitado por terra, queimado em público no pelourinho da cidade, e eu cheio de sangue, com o fémur partido em dois, parece uma boca a sorrir, estilhaços brancos como dentes e a língua de fora. E continuei acordado até ao hospital e só pedia paz, paz, paz aos médicos que disseram ponham-no a dormir, está muito agitado, e injectaram-me uma coisa e disseram pronto, já está, mas eu muito acordado e sem me conseguir mexer, gritei

— A dormir não! Acordem-me que não aguento mais! mas não saiu nada da garganta, só grunhidos, latidos, miados, pios de passarinho, zumbidos de insecto, patinhas de mosca a sapatear, nem uma palavra, talvez um guincho ultra-sónico, ainda hoje não sei quanto tempo durou a ocasião em que me deram morfina para a perna partida.

Os pesadelos devem terminar com a gente a levantar o tronco e a dar um berro na cama, escorrendo da testa gotinhas de gelo de suor. Ok, foi muito lindo mas acabou-se e não se fala mais nisso. É como acho que devem ser os pesadelos, saberem com educação retirar-se sozinhos, mostrarem respeito pela cabeça alucinada que os inventou.

Não tremas, pomba, e desculpa esta seca mas nunca falo com ninguém. Eu passei por esta coisa maluca e portanto existiu. O que vejo e ouço acontece de uma maneira ou de outra.

Rui Cardoso Martins nasceu em Portalegre, em 1967. É autor dos romances *E Se Eu Gostasse Muito de Morrer* (2006), *Deixem Passar o Homem Invisível* (2009, Grande Prémio de Romance e Novela APE) e *Se Fosse Fácil Era para os Outros* (2012). Tem livros traduzidos em inglês, espanhol e húngaro. Publicou contos em várias revistas nacionais e internacionais. É argumentista de cinema. Foi co-fundador das Produções Fictícias, autor do programa *Contra-Informação* e de várias séries dramáticas e de comédia. É jornalista e cronista do jornal *Público* desde a sua criação. *O Osso da Borboleta* é o seu quarto romance.

NESTA COLECÇÃO

O Retorno *Diário da Queda*
Dulce Maria Cardoso Michel Laub

Quando o Diabo Reza *Este Samba no Escuro*
Mário de Carvalho Raquel Ribeiro

Dezoito Palavras Difíceis *Hotel*
Luís Rainha Paulo Varela Gomes

E a Noite Roda *Habitante Irreal*
Alexandra Lucas Coelho Paulo Scott

De Mim já nem Se Lembra *Tudo São Histórias de Amor*
Luiz Ruffato Dulce Maria Cardoso

Dois Rios *O Chão dos Pardais*
Tatiana Salem Levy Dulce Maria Cardoso

O Verão de 2012 *Os Meus Sentimentos*
Paulo Varela Gomes Dulce Maria Cardoso

o osso
da borboleta



foi composto em caracteres Hoefler
Text e impresso pela Rainho&Neves,
Artes Gráficas, sobre papel Coral Book de
80 gramas, em Outubro de 2014.